

## **BREVE BIOGRAFIA DE UMA BAÍA**

### **BRIEF BIOGRAPHY OF A BAÍA**

**Marcela Guedes Cabral PPGArtes/UFPA**

#### **RESUMO**

Este trabalho buscou apresentar a biografia cultural de um objeto artístico pertencente a uma coleção de arte particular. A fim de compreender relações sociais e culturais entre pessoas e coisas, foi escolhida uma obra em óleo sobre tela da Série Baía, do artista visual paraense Armando Sobral, que atualmente compõe a Coleção de Arte de Jorge Alex Athias. A metodologia teve por base o texto de Igor Kopytoff intitulado “Biografia Cultural das Coisas: a mercantilização como processo”. Notou-se que obras de arte possuem um diferencial em relação a outros objetos e que o registro da biografia de objetos artísticos embrinca-se a diversas formas de valoração deste objeto inserido no sistema da arte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Biografia Cultural; Cultura Material; Série Baía; Armando Sobral; Coleção de Arte Jorge Alex Athias.

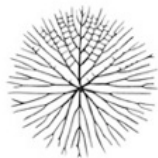
#### **ABSTRACT**

*This work sought to present the cultural biography of an artistic object belonging to a particular art collection. In order to understand social and cultural relations between people and things, a work from the Baía Series, by the visual artist from Pará, Armando Sobral, was chosen, which currently composes the Art Collection of Jorge Alex Athias. The methodology was based on the text by Igor Kopytoff entitled “Cultural Biography of Things: commercialization as a process”. It was noted that works of art have a differential in relation to other objects and that the record of the biography of artistic objects embraces different forms of valuation of this object inserted in the art system.*

**KEYWORDS:** *Cultural Biography; Material Culture; Bahia Series; Armando Sobral; Jorge Alex Athias Art Collection.*

#### **Introdução**

De modo geral, um objeto de arte possui um ciclo de vida um tanto diferenciado da grande maioria dos objetos antes da sua seleção e ingresso em uma coleção. Os objetos do cotidiano constroem parte significativas das suas biografias dentro de um



ciclo caracterizado por seu uso e manutenção, relações de trocas mercantil ou simbólica por seus proprietários, mudanças de uso, podendo chegar ao extravio, esquecimento e descarte, até ser coletado, selecionado e ingressar em uma coleção de objetos arqueológicos ou antigos, raros ou mesmo curiosos. Não digo entretanto, que tais infortúnios não possam ocorrer com o objeto artístico após sua entrada em uma coleção, o que vale pontuar aqui é que a vida de um objeto produzido com função artística tem seu status de singularidade, como sugere Appadurai “[...] uma classe de objetos singulares culturalmente estimados” (APPADURAI, 2008, p. 32). Nesse processo o objeto é revestido de um significado simbólico e as formas de uso e/ou acesso variam conforme a cultura e o contexto ao qual pertence ou está inserido.

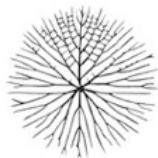
Assim, o presente trabalho objetiva apresentar uma breve biografia de um objeto artístico que hoje integra uma coleção de arte particular e, com isto aprofundar nossa compreensão sobre as relações entre pessoas e coisas. A saber, o objeto foco deste trabalho é um trabalho artístico, executado em óleo sobre tela, intitulado *Baía*, produzida no ano de 2018, pelo destacado artista visual paraense Armando Sobral, e que atualmente faz parte da Coleção de Arte de Jorge Alex Athias, localizada na cidade de Belém-PA.

Este trabalho, ao refazer o caminho da obra desde a sua concepção, busca sinalizar os variados significados e valores que a obra vem agregando, desde o contexto inicial que permitiu a sua concepção, conforme pontuado pelo artista, quando rememora as fotografias, as primeiras séries em desenho a carvão, passando para o suporte da tela em variadas dimensões, até especificamente a obra selecionada pelo colecionador, sua participação em exposição e, finalmente a ocupar um lugar de destaque na sala de reunião do escritório do colecionador.

### **Sobre coleções e biografia de objetos artísticos**

De acordo com Desvallées e Mairesse (2013),

Uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais [...] que um indivíduo ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em



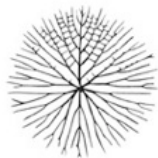
um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público, mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada. (DESVALLÉES e MAIRESSE, 2013, p. 32).

Salientam ainda os autores que, para se de fato constituir uma coleção é necessário que tais objetos estejam organizados de modo a formar um conjunto coerente e significativo (*ibid.* p.33). Deste modo, para além de um mero agrupamento de objetos, uma coleção pode ser percebida como fonte de informação que tem como critério a coerência ao estabelecer as relações e discursos nesta reunião de objetos, e que deve ser de relevância para um ou vários grupos.

Os objetos de arte, por sua vez, tanto são compreendidos por suas qualidades estéticas e físicas, como objeto de memória ou testemunho, como por ser, em dado contexto, um distintivo social. Assim, notamos que um objeto de arte que encontra-se inserido em uma coleção tem agregado a si uma série de valores socialmente construídos e compartilhados, e que ao longo da sua existência pode vir a agregar ou perder tais valores.

A vida de um objeto produzido com função artística<sup>i</sup> encontra-se em “uma classe de objetos singulares culturalmente estimados.” (APPADURAI, 2008, p. 32). Nesse sentido notamos que o objeto é revestido por outros significados e suas formas de uso e/ou acesso variam conforme a cultura e o contexto ao qual pertence ou está inserido. A isso considerando, Kopytoff aponta a relevância do estudo da biografia das coisas. Para ele “Examinar a biografia das coisas pode dar grande realce a facetas que de outra forma seriam ignoradas” (KOPYTOFF, 2008, p. 93).

O professor de Design, Abraham Moles salienta o desvínculo em maior ou menor medida dos objetos de valor artístico para com a obrigatoriedade de uma existência de uma funcionalidade prática para estes. Para o autor “'objetos de arte', título extremo de um objeto onde a funcionalidade do serviço prestado é mais ou menos inexistente (MOLES, 1981, p.128). Nesse sentido, Moles está relacionado ao valor estético às atitudes que tomamos, ao prazer sensual, quase fetichista, obtido com a posse do objeto desassociado da sua utilidade específica, para o autor a posse do objeto permite a uma investigação com o tato, a visão e o olfato (*ibid.*, p. 87).



Nesse sentido, Kopytoff salienta que a abordagem biográfica pode ter diversos focos, o que produzirá diferentes biografias, de acordo com o aspecto enfatizado, podendo ser uma biografia econômica, física, social, cultural etc. Entretanto, é alertado que não é o assunto que determina, mas a forma como as biografias são encaradas, o objeto e as categorias estabelecidas a serem trabalhadas pelo pesquisador, deste modo, o que define o tipo de biografia é a abordagem sobre o assunto (KOPYTOFF, 2008, p. 94).

Produzir a biografia de um objeto de arte que ainda não é extensa, observando que este objeto é de produção recente assegura, em certa medida, o registro de informações que futuramente poderiam vir a ser perdidas ou dissolvidas na imprecisão da memória. Observa-se também que a relevância de se proceder a tal prática precocemente, garante maior volume e fidelidade das informações relacionadas à obra para fins de pesquisa e exposição. Do mesmo modo, também é recomendado manter organizado e atualizado um arquivo sobre a participação da obra em exposições e mesmo menções em publicações e catálogos.

Para este trabalho será desenvolvida uma abordagem biográfica de uma tela Série Baía (2018) que compõe a Coleção de Jorge Alex Athias. Para tratar o objeto biografado foi localizando seu contexto de concepção e produção pelo artista, e de seleção e ingresso na Coleção, onde encontra-se atualmente. Serão apresentados os dados produzidos a partir do material cedido pelo colecionador e pelo artista por meio de entrevistas; em seguida, são feitas as considerações.

### **Da concepção à exposição de uma *Baía***

Armando Sobral é um artista visual belenense, com formação em Artes Plásticas, reconhecido por seus trabalhos em gravura e sua participação na fundação do Ateliê Piratininga em São Paulo. Em seus novos trabalhos, destaca-se a produção das pinturas, dentre as quais encontra-se a obra aqui biografada. De acordo com a entrevista realizada com o artista Armando Sobral em seu ateliê, no dia 08 de julho de 2019, a Série Baía de pinturas executada em óleo sobre tela foi precedida por outras séries homônimas, de mesmo tema, em outras técnicas. Pode-se dizer que a



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM**  
**PARÁ**  
**AMAZÔNIA**

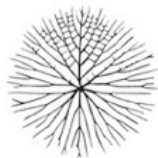
gênese da obra aqui tratada remonta aos registros fotográficos iniciados em 1998<sup>ii</sup>. Cerca de cinco anos depois, partir de uma dessas fotografias, foram realizadas séries de desenhos a carvão e posteriormente a série de pinturas (2018) sob a qual trataremos de uma delas em específico.

É observado pelo artista que no início da produção destes trabalhos eram produzidos em pequenas dimensões, e que foram sendo ampliados ao passar de uma técnica para outra. Todas as obras destas são figurações da vista em meio às águas da Baía do Guará. Entre o céu e as águas existe uma atmosfera criada pelo artista que varia de obra para obra das séries. Nas pinturas a óleo, essa variação de atmosfera pode ser observada nos céus mais azuis de algumas telas, outras tem o céu tendendo ao ocre; algumas águas mais marrons, outras com tom esverdeado. A partir dessas combinações, a atmosfera acompanha a transição do céu ao rio. Deste modo, a série figura diferentes tempos, tanto momentos quanto condições climáticas, do mesmo espaço fluido, que é o rio, cujas águas e atmosfera não são as mesmas de uma obra para outra.

Eu desenhei muito antes de começar essas pinturas em tela. Eu desenhei muito... para entender principalmente a luz; como entrar com a cor e; como também representar a água. Você tem esses elementos codificados na História da Arte. Você pode se apropriar daquele elemento em uma pintura e ir buscar, mas não. Essa água para mim era uma água que tinha uma cor própria, tinha uma memória, e ela tinha que ter, digamos, o seu tempo, a sua imersão. (SOBRAL, entrevista em 08/07/2019).

Segundo o artista, na série, e mais presentemente na obra adquirida por Athias, o céu, a água e a atmosfera aparecem como elementos simbólicos relacionados às ideias de tempo e de transitoriedade, revelando um pouco da influência do pintor romântico inglês Willian Turner (1775 - 1851) (SOBRAL, entrevista em 08/07/2019). Retratando uma vista reconhecível por muitos daqueles que viajam de barco pelos imensos rios de água cor de barro do Pará.

Cabe salientar que Belém do Pará, cidade onde a obra foi produzida, é considerada principal entrada da Amazônia, dada sua localização próxima à foz do Rio Amazonas. Além deste rio Belém também é cortada por mais dois rios tidos como principais: o Rio Guamá e o Rio Maguari. (SOARES, 2015). Deste modo, nota-se a importância das águas dos rios para quem é nascido ou morador de Belém. E isso



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

se reflete na produção dos artistas locais, aparecendo como a temática ou estética recorrente nas obras de diversos artistas locais e provocam aproximação e empatia do público.

As primeiras imagens em fotografia, dentre as quais uma delas deu origem à série, foram produzida pelo artista em um momento de sua vida que evoca uma certa carga afetiva. Segundo Sobral, foi mais ou menos no ano de 1998 que ele estava em Soure, região do Marajó, na casa da sua mãe, quando soube por telefonema do estado terminal dela, e por isso se apressou a voltar para Belém a fim de encontrá-la. Pegando o primeiro barco, eis que no meio da Baía ele viu se formar uma tormenta assustadora da qual registrou as imagens em fotografia. Sobral diz que sempre revisitava essas imagens e cinco anos depois, deduz, começou a desenhar uma das fotografias usando a técnica à carvão, como um processo de superação. Atualmente, estas imagens produzidas encontram-se no Centro Cultural Casa das Onze Janelas, tendo sido adquiridas por meio de doação pelo próprio Armando Sobral (SOBRAL, entrevista em 08/07/2019).

Após o momento de superação, o momento seguinte foi o qual chamou de “mergulho na paisagem”, quando passou a fazer pinturas usando cores. “Eu queria que as pessoas percebessem o rio, mas que percebessem a partir da sensação da cor, tanto é que as primeiras pinturas eram superbagunçadas...” (SOBRAL, entrevista realizada em 08/07/2019), observa o artista uma característica das primeiras obras em pintura para a série Baía. Esta questão de superação se estabelece tanto em se tratando da perda da figura materna, quanto em relação ao fazer artístico de Sobral, conforme pode ser observado em sua fala

Porque a pintura é o seguinte... quando você supera os elementos mais básicos você faz tudo na cor e na luz. Quando você está numa instância mais profunda, você vai numa luta profunda com a matéria. É nessa tensão, é nesse jogo que eu tava... por isso que eu gosto daquela do Alex, é por causa disso. Por que ela é matéria ... eu fiz aquela pintura em um impulso tão grande e deu tudo certo naquele momento [...] e eu não consegui mais fazer. (SOBRAL, entrevista em 08/07/2018). (Grifo meu).



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

Deste modo o artista coloca o contexto de produção específico da tela, ao mesmo tempo que salienta a unicidade desta, ao destacar que não mais conseguiu voltar a fazer os mesmos efeitos de luz e cor em telas da mesma série (Figura 01).

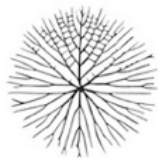


Figura 1: *Baía*. SOBRAL, Armando. Técnica: óleo / tela Ano: 2018. Acervo da Coleção Jorge Alex Athias. Imagem da autora.

A tela da Série Baía aqui biografada, encontra-se atualmente na Coleção de Jorge Alex Athias. Cabe então uma breve apresentação do colecionador. Athias é um renomado professor e advogado, também conhecido por seu gosto em adquirir obras de arte. Amigo de diversos artistas locais, possui no escritório onde é sócio nominal, uma recém-inaugurada galeria de arte.

A aquisição da obra *Baía*, se deu no mesmo ano de sua produção quando o colecionador fez uma visita ao ateliê de Armando Sobral. Athias afirma que esta obra lhe chamou atenção por lembrar as obras de Willian Turner, também mencionado por Sobral como um dos artistas que tem como referência para suas pinturas. Nesta ocasião o artista estava ainda concluindo outras obras da mesma série, contudo de menores dimensões, para sua exposição individual intitulada: Baía - Pinturas de Armando Sobral. Esta exposição ocorreu entre 28 de setembro a 28 de outubro de 2018, no Museu do Centro Cultural Brasil Estados Unidos - MUBEU/CCBEU, e figurou como parte das comemorações de 63 anos desta instituição (CCBEU, 2018).

Cabe notar aqui o fluxo de significados da obra, quando além de meio de expressão do artista, torna-se mercadoria com valor de troca, como aquilo que pode ser



**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE**  
**+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP**  
**+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM  
PARÁ  
AMAZÔNIA**

momentaneamente trocado por dinheiro, ainda que em outro contexto possa vir a ser “desmercantilizada” (KOPYTOFF, 2008, p.95).

Contudo, antes mesmo de chegar às mãos do colecionador, primeiro a obra *Baía* participou da já mencionada exposição no MUBEU/CCBEU, tendo sua imagem estampando o cartaz divulgado nos meios de comunicação (Figura 2). Sendo assim, observamos também que o cartaz informa o local e data da exposição, mas torna-se também um registro biográfico desta obra em específico.



Figura 2. Cartaz eletrônico da Exposição Baía - Pinturas de Armando Sobral no MABEU. Ano: 2018.

Fonte: <http://www.ccbeu.com.br/noticias/detalhe/?id=4167>

Segundo Sobral, em entrevista, antes mesmo de finalizar a primeira exposição, a obra foi novamente solicitada para exposição, desta vez a participar do 37º Salão Arte Pará (2018), no Museu da UFPA – MUFPA, tendo sua retirada da exposição no MUBEU/CCBEU negociada entre o artista e o pessoal do museu. Por fim, a obra chegou ao escritório de advocacia Silveira, Athias, Soriano de Mello, Guimarães, Pinheiro e Scaff Advogados e foi instalada na principal sala de reunião. (ATHIAS. Entrevista em 04/07/2019) (Figura 3).

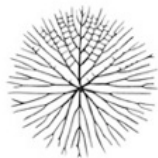




Figura 3: Imagem do objeto em seu atual local de guarda e exibição – Sala de Reunião do Escritório do colecionador. Imagem da autora.

Sem ignorar as várias camadas de valor que revestem os objetos de arte, Athias, enquanto apreciador e colecionador, é consciente do papel das exposições das obras em sua coleção, mesmo sabendo também estar um tanto exposto, no que diz respeito à questões da sua privacidade. Disto, Adelaide Duarte, observa que esta exposição do colecionador ocorre também no nível privado, entretanto não impede de colecionadores, como Athias, de ceder objetos artísticos de sua coleção para exposição. É, como diz a autora, “[...] o prazer e a generosidade da partilha do seu colecionador” que permite falar sobre e mostrar seus estimados objetos (DUARTE, 2016, p.2).

De modo geral, é rara a parede do Escritório de Advocacia onde não se encontra uma obra exposta. Salas, corredores, escadas, hall, em quase todas as áreas do escritório objetos de arte foram dispostos. Muitos destes lugares são áreas de passagem, sendo por vezes locais de curta permanência onde, mesmo assim, clientes e funcionários do escritório podem parar e contemplar as obras. Entretanto, um dos lugares de maior status, em se tratando de visibilidade das obras, é a Sala de Reunião onde foi instalada a pintura *Baía*. Isto evidencia o destaque desta obra na Coleção, assim agregando mais um valor simbólico relacionado à sua exposição. Observa-se que nesta sala estão expostas uma série de obras, em diversas linguagens, que embora afirme Athias, não tenha havido curadoria, é possível perceber um certo critério na distribuição das obras considerando a técnica adotada:



uma das grandes paredes com fotografias, a posterior a esta com pinturas; por tema, pois grande parte das pinturas são paisagens, com destaque às marinas.

Concluimos então observando que esta breve biografia da obra *Baía* de Armando Sobral, atualmente presente na coleção de Arte de Jorge Alex Athias, desde a sua concepção vem se revestindo de uma série de valores distintivos dentre os quais, afetivos, estético, mercantis, que somam-se a projeção do artista, o fato de ter participado de exposições, pertencer a uma renomada coleção particular e o local onde é apresentada dentro do escritório.

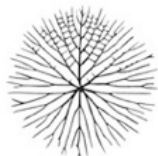
Notamos também a importância de se registrar as exposições e mostras das quais a obra participa, bem como da sua divulgação em meios eletrônicos, uma vez que essas informações complementam e atestam sobre a sua biografia, lembrando que tais registros também podem agregar valores à obra dentro do sistema da arte, a exemplo do valor mercantil.

Deste modo, registramos neste texto, a partir dos dados levantados por meio das entrevistas aspectos que de outra maneira poderiam ser desassociados das informações sobre a obra podendo ser ignoradas ou perdidas para sempre. Entretanto, outras discussões sobre a biografia podem ainda ser feitas, tais como o contexto sócio cultural da obra, as teias de relações entre a obra e as instituições onde esteve, a discussão acerca da valoração da obra estudada e suas potencialidades como bem de consumo, dentre outros aspectos.

---

<sup>i</sup> Cabe neste momento diferenciar o objeto produzido como arte dos objetos que já possuem suas biografias iniciadas antes de serem incorporadas em uma criação artística, a exemplo de uma instalação que utiliza objetos da sua função primária e os torna artístico.

<sup>ii</sup> Cabe destacar que as fotografias da Baía do Guajará são para o artista “registros ocasionais”. Essa produção de imagens funciona como “uma forma de imersão nesse universo das Baías” (SOBRAL, 2019), sendo tais fotografias produzidas ainda hoje.



## **Referências Bibliográficas**

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob a perspectiva cultural**. Eduff, 2008. Niterói – RJ. 15 - 88.

DUARTE, Adelaide. Colecionar Arte: Conversas a partir de coleções particulares. MIDAS [online]. 7/2016. Acessado em 15/01/2019 < <https://journals.openedition.org/midas/1060> >.

DESVALÉES, André; MAIRESSE; François. **Conceitos-chave de Museologia**. ICOM, Governo do Estado de São Paulo, 2013.

MOLES. Abraham A. **Teoria dos objetos**. Trad. Luzia Lôbo. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1981.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: mercantilização como processo. In. **A vida social das coisas: as mercadorias sob a perspectiva cultural**. Eduff, 2008. Niterói – RJ. 89 – 121.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In. **Enciclopédia Einaudi volume 1 - Memória – História. O IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA**. 1984.p. 51 – 86.

SOARES, Antônio José Teixeira. **Conhecendo o Pará: Estudos Amazônicos**. 1 Ed. Belém - Pa. Cultural Brasil, 2015.

## **Referência de página na internet**

Página do Centro Cultural Brasil Estados Unidos < <http://www.ccbeu.com.br/noticias/detalhe/?id=4167> >. Acessado em 14/11/2019 às 15:33 horas.

## **Entrevistas**

ATHIAS, Jorge Alex. **Jorge Alex Athias: Entrevista** [04 jul. 2019]. Entrevistadora: Marcela Cabral. Belém – PA, 2019. Documento em vídeo. Acervo da pesquisadora.

SOBRAL, Armando. **Armando Sobral: Entrevista** [08 jul. 2019]. Entrevistadora: Marcela Cabral. Belém – PA, 2019. Documento em vídeo. Acervo da pesquisadora.